



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

Eugenio de Castro.
Trabalhos.

Port
6351
1.130

WIDENER



HN ZJG4 S

Post 6351.1.130



HARVARD
COLLEGE
LIBRARY



Do notavel. escritor
dr. Wilhelm Störck,
lembrança do

Jugens do Caffé

Coimbra, 95-

TIRESIAS

DO AVCTOR

OARISTOS (1890), *esg.*

HORAS (1891), *esg.*

SYLVA (1894).

INTERLVNIO (1894).

BELKISS (1894).

No prélo

SAGRAMOR, *poema.*

Em preparação

A MORTE DE ATILA.

EVGENIO DE CASTRO

TIRESIAS

(ECLOGA)



COIMBRA

LIVRARIA DE F. FRANÇA AMADO

Rua Ferreira Borges

1895

Port 6351.1.130
✓



Courtney Brewster

D'esta edição fez-se uma tiragem especial de dezoito exemplares numerados: dois em papel das manufacturas imperiaes do Japão, seis em papel de Hollanda Van Gelder, dez em papel de linho, do Prado.

Printed in Spain

AO

DOUTOR THEOPHILO BRAGA



Sylvio, cabreiro moço e namorado,
Um pifano talhava, distrahido,
Quando viu um pastor a si chegado.

Era um velhinho magro e combalido,
Seus cabellos, a idade os prateára,
Dos seus olhos a luz tinha fugido.

Os abysmos receiando, com uma vara
Tacteava o sólo, e tão direito ia
Que dir-se-ia que o pau olhos creára...

SYLVIO

Onde haverá metal ou penha fria
Que não se compadeça e prantos sue
Por quem, triste, não vê a luz do dia?

TIRESIAS

Por tua voz que tão macia flue,
Sinto que és novo entre os adolescentes
E, como tal, ingenuo como eu fui.

Enganado pastor, não me lamentos;
Só se deve chorar quando se veja
Desgraça que mereça prantos quentes.

Que o teu espirito allumiado seja
Como o meu! Por me veres velho e cego
Não me volvas piedade mas inveja.

Ouve-me tu, cabreiro, com socego,
Minhas palavras na tua alma grava
Que ao teu tempo darás um bom emprego.

Quando Apollo na terra pastoreava,
Vista tive nos olhos, mas sem gosto,
Que os olhos livres fazem a alma escrava.

Pelos Deuses, meu berço foi disposto
N'um verde bosque onde me deu á luz
Chariclo, nympa de invejado rosto.

Ahi medrei, do sol aos raios crus,
E ahi, folgando com leaes pastores,
Serenas olympiadas transpuz.

Vivia em sonhos mil, embaladores,
Dormia ao luar, coroava-me de rosas,
Davam-me as vespas mel e o campo flores.

Meus olhos viam coisas deliciosas,
Vergeis doirados, encantadas ilhas,
O sol, o gelo e as lymphas murmurossas...

Mas da terra as variadas maravilhas
Cançam como as caricias femininas,
Como as mui apertadas gargantilhas!

Cançadas, dos meus olhos as meninas,
Cançadas das terrenas formosuras,
Já buscavam, anciosas, as divinas.

Transformaram-se montes e planuras,
Via no mar de prata um crystal baço
E nos dias de sol noites escuras;

Parecia-me nevoento o claro espaço,
Sem cheiro o nardo e o alecrim do norte
E sem belleza o mais fermoso paço...

Desilludido e triste, de tal sorte
Se me foi a minh'alma annueando,
Que até, por vezes, desejei a morte,

Pref rindo assim, ao negro mundo infando,
Do Tartaro as negrissimas cavernas,
Que o tricephalo cão está guardando.

Meus olhos suspiravam p'las eternas,
Olympicas bellezas duradouras...
Por um par d'azas como eu déra as pernas!

Preso á terra p'los pés, minutos, horas
Me eram tristes: vivia afflictamente
Qual Salmoneo nas chammas queimadoras...

Certa manhã de estio, resplendente,
Iam meus cães atraz de incauta cerva
E eu soprava n'um pífano dolente,

Quando, entre as ramagens, vi Minerva
Despindo-se, com seu frescor perenne,
O elmo, o escudo e a lança sobre a herva.

Solto o pallio de purpura solemne,
Os cabellos, a tunica e os collares,
Eil-a que entra nas aguas do Hippocrene.

Deslumbrados e accesos, meus olhares,
Por entre as folhas, iam-se a beijal-a,
Quaes finas frechas golpeando os ares:..

Nada do que ha da terra á flor eguala
A belleza que estava contemplando,
Timiço como timida zagala.

De ver encantos taes, iam medrando
Na minha alma rufladoras azas,
Na vista me corria um licor brando.

Meus olhos a queimaram — vivas brazas!
Viu-me a Deusa! e escondendo os alvos seios
E o claro ventre, com macias gazas,

A arder de furia e com hostis meneios
Tirou-me a luz dos olhos atrevidos,
Que d'uma luz melhor ficaram cheios!

Deixei de ver os laranjaes floridos,
Os campos onde pastoreava Apollo,
Os templos e os ribeiros foragidos,

Mas de Minerva, em paga, via o collo,
O peito e a bocca (bocca de creança!)
E a coma negra, onde brincava Eolo...

Foi-me a cegueira tão suave e mansa
Que a recebi — assim me accuda Zeus! —
Por um extremo d'amor, não por vingança.

Amado por Minerva, os olhos meus
Ella os encheu da sua fermosura,
Ciosamente, para os ter bem seus...

Ah! quão macia a sua alma dura,
Que me deu no castigo recompensa
E oceanos de sol na noite escura!

Cego, não topo lynce que me vença,
D'olhos mais penetrantes e incisivos!
Achei calma saude na doença...

Deu-me, quem dôr me dava, lenitivos,
E vejo mais com estes olhos mortos
Que todos os mortaes com olhos vivos...

Não vejo os rios, os jardins, os portos,
Mas vejo a Deusa que divisei núa
E por castigo me volveu confortos.

Envelheci a amar a imagem sua,
Acariciante como a fina marta,
Jámais envelhecida como a Lua!

De me vestir de luz nunca se farta,
Ella que m'a tirou e a Lua vence,
Pois do meu claro ceo nunca se aparta.

A ventura sem tregoa me pertence,
São-me os dias perpetuas alvoradas,
Que ninguem vãos suspiros me dispense.

Inveja-me, ó mortaes, cujas amadas,
Passado o maio que lhes tinge o rosto,
Se tornam velhas, feias, enrugadas...

Inveja-me, cubri-vos de desgosto!
Sou como Anacreonte, velho e amante,
Nunca assisto ás tristezas do sol posto,

Vejo a manhã romper a todo o instante!





Imprensa da Universidade
Coimbra, vinte de março de mil oitocentos
e noventa e cinco.





